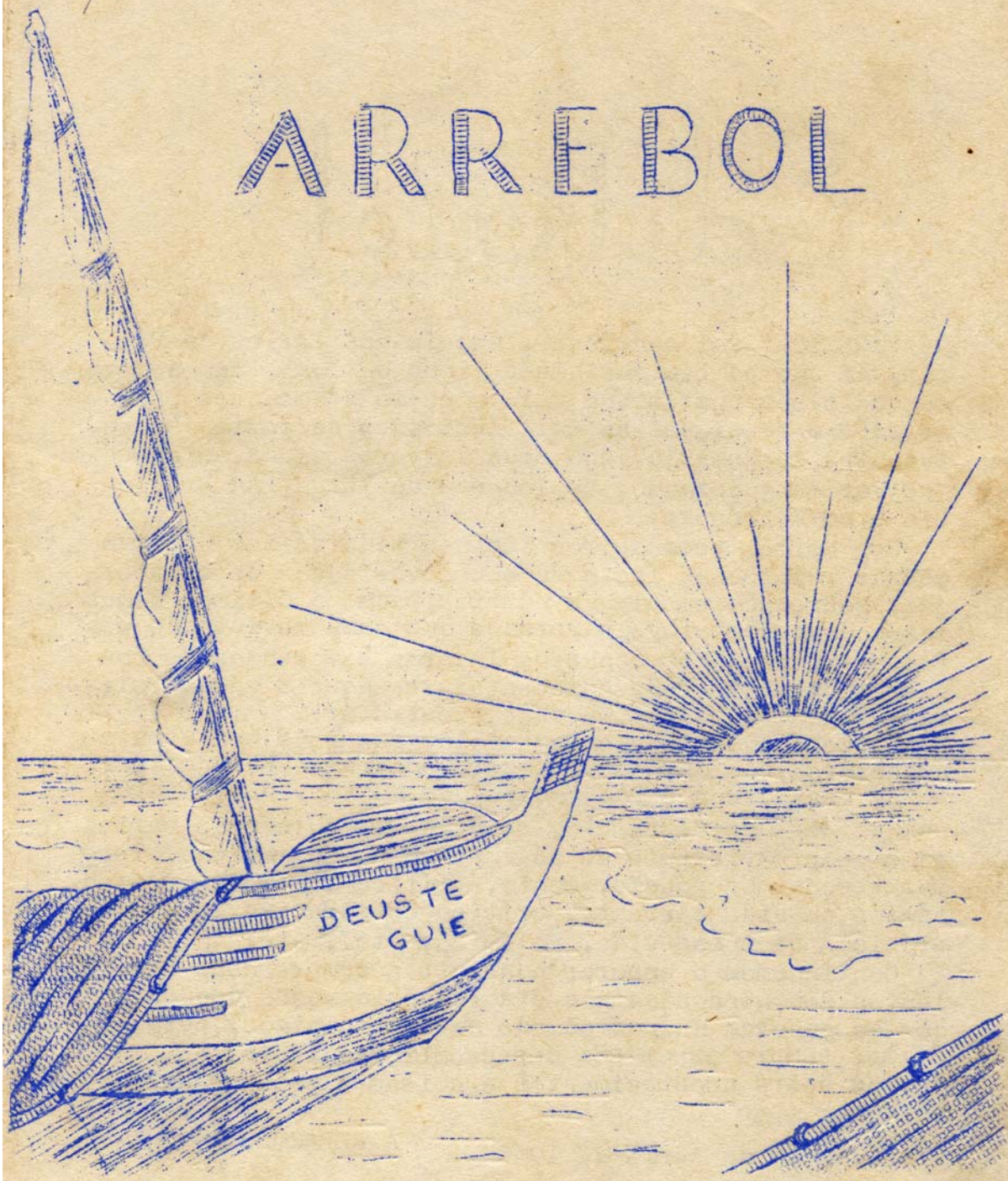


6/

ARREBOL



Editorial

"ARREBOL" vai continuar, depois das férias da Páscoa, na sua já bem deliniada linha de rumo, mas sempre com os olhos postos num futuro cheio de maiores progressos e de simpatias mais decididas da parte dos estudantes de Nampula, dos seus leitores e dos amigos que vai conquistando, ao longe e ao largo, na Província e na Metrópole.

Por amigos verdadeiros têm-nos sido feitas observações e reparos ao facto da pouca variedade de colaboração, sobretudo em alguns números, como o último. Temos respondido com singela verdade que numa revista de estudantes, pendente dos seus lazeres e momentos de boa disposição, não pode apresentar-se naquela vária beleza que ~~era~~ tanto do seu desejo ostentar.

É, porém, chegado o momento de fazermos todos mais um esforço, de darmos um poderoso arranco para melhor.

E, assim, com a boa vontade de muitos, desde este número sete de "ARREBOL", serão de leitura mais variada e sempre vibrante as páginas da nossa revista. Teremos secções de poesia, conto, crítica literária, comentários da vida corrente, crítica construtiva, anedotas, crónicas da nossa vida, polémica, etc., etc.

Continuamos a esperar aquela boa compreensão e os alentos dos nossos amigos e a reconsideração daqueles que se puseram na posição de nossos inimigos, para podermos sempre expor com desassombro as ideias que tivermos sobre acontecimentos e coisas e pessoas dignas de nota.

Nampula, 19 de Abril de 1955 . . .

A REDACÇÃO

POESIA

O camimbo...

Doce voz dum rouxinol,
Doces gorgeios d'outras avezinhas,
Vãs quimeras...as minhas.

Mansas águas do mar,
Estrelas que nos céus brilhais,
Lindas flores, perfume do ar,
Gigantes árvores que o céu tocais,
Porque nunca se entristecem?
E as desgraças em mim não perecem?

Porque sempre em vós tenho a alma dada,
E assim me arrebatais?
Porque sois felizes em viver,
E eu vivo a padecer?

Enfim porque sendo homem não sou nada
E vós...nada, ao pé de mim sois mais?

Mas como viver então?
Se rico e saudável,
Se tenho tudo para gozar,
Se tenho quem me dê a mão,
Se prós outros o mundo é agradável,
Porque só eu hei-de chorar?

Pobre cria abandonada,
Para que ao mundo me fiz...

Que o Senhor me perdoe!
Como nenhum outro serei feliz,
Quando a alma de mim privada,
Direito a Ele voe.

Políbio Rosa Flor
(5º Ano)

A prisão do inocente

Por Joaquim Ferreira

(4º ANO)

Desprezível o canto, em vil tristeza:

Nem a candeia acesa
Sobre uma tosca mesa!

— Só a vela colada
Nessa beirada
De um caixote imundo
Sem fundo...

E a vela morre!

Dentro, ficou a fumaça
Tão escura
Como a fria urna
Que leva o morto :
Ao cemitério.

O morto é o Paupérico
— "O sem eira nem beira
Nem ramo de figueira!"

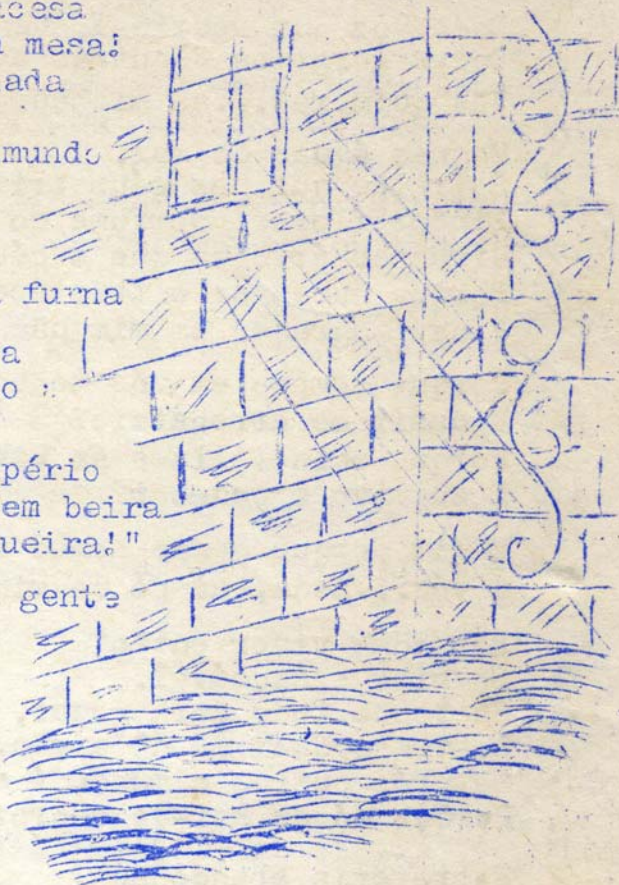
Preso de toda a gente
— O inocente!

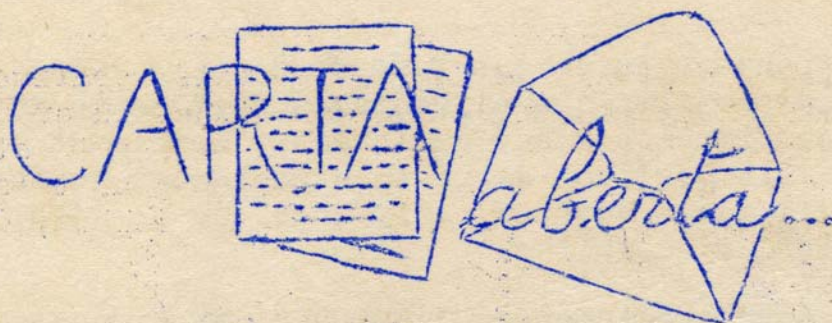
Canto sem cama,
Dura empalhada,
Quadra pequena,
Grade segura,
Enorme inferno,
Noite gelada,
Rato que passa,
Rato que fura.

O morto é o Paupérico
Fora do cemitério...

Sem o carinho
De Alguém,
Vive sozinho
De olhos nos céus

Pedindo a Deus
O seu perdão!
Coitado! Oh! Coitadinho!
Coitadinho!





Já lá vão o tempo em que os namorados cavaleiros da Idade Média lutavam encarniçadamente para obter um simples sorriso da sua dama. Também passou o tempo em que nós, sem pensarmos na vida, naquela idade de que se sai da escola, experimentávamos às escondidas encontrar a dama dos nossos sonhos.

Infantilidades!...

Vieram as primeiras luzes da vida que modificaram completamente todas as ideias que tínhamos das meninas. Hoje, julgamos não andar em erro.

Não vemos nelas aqueles ídolos com que sonham tantos que vemos por aí. Não precisamos de as sentir musas nas nossas inspirações. Não as consideramos rainhas que dominam pela beleza.

Nem belezas nem ouro valem perante a dignidade que uma pessoa possa ter. Dessa dignidade nascem as atitudes de uns para com os outros.

Não tenho conhecimento de que houvesse falta de cavalheirismo da nossa parte. O estudante por si, é educado, para os que para ele o são, e compreende-se.

Assim têm passado os anos, pouco mais ou menos, dentro de mútua cordialidade estudantil.

As meninas são faladas no nosso meio, naturalmente, sem aquela idolatria que muitos lhes votam, mas sempre com o maior respeito e simpatia. Penso que os rapazes também gozam de certa popularidade nos meios das meninas.

Carrem, porém, rumores de que se levanta certa animosidade entre algumas meninas, contra as nossas iniciativas académicas. Não sabemos qual a razão. Mas seja qual for, o certo é que essa campanha deslustra até

certo ponto o juízo que fazemos de tais raparigas. Não quer dizer isto que alimentamos paixões ou quaisquer maus sentimentos mas é de lamentar semelhante atitude. Tanto mais que (com desgosto o soubemos) as tais meninas julgam que devemos pedir-lhes, de joelhos, desculpa de imaginárias faltas.

Não!

As nossas edições de "ARREBOL" não procuram apenas dar à publicidade frias manifestações intelectuais. Todos os jornais têm a sua coluna de crítica, talvez nunca tão inofensivas como a nossa. Por isso, não é de estranhar que também lancemos algumas faúlhas ao ar que atinjam os que a elas não puderem fugir. E, se tais faúlhas deram origem a falsa interpretação, não temos nós culpa. Tais pessoas, que nos procuram pôr em descrédito, só demonstram que sentem bem vibrar a nossa expansão académica, mas que, impelidas talvez pelo fel de certas conversas, dizem aquilo que lhes adoça esse fel. E, assim, assistimos a estas lamentáveis cenas de que não viemos fazer propaganda, mas sim concorrer para que se não passem.

Poderá alguém pensar que estamos a chorar. Não, porque estamos conscientes do que temos feito. Assim o estivesse quem, de certo modo, procura lançar entre as companheiras o fermento da aversão aos rapazes da mesma geração e igualmente estudantes no Colégio "Vasco da Gama" desta terra.

É feio para todos os que isto lerem, saberem que essas meninas mais velhas estão indispostas com o nosso movimento que acordou vibrações nesta terra, em vários pontos da província e até na Metrópole. É feio, por conseguinte, que essas meninas com um grau de cultura suficientemente elevado lancem joio no trigo.

Porque se não faz desaparecer essa aversão?

Quem estas linhas desapaixonado ler não veja em mim um simples impostor, que, servindo-se do "ARREBOL" dê expansão e publicidade às suas birras. Pensaria muito mal e muito contra a verdade. O nosso objectivo não é

(Cont. na pág. 8)

Resposta ao autor de "UM RETRATO"

(N. da R. -- Vide "ARREBOL" nº 5 da Série III, págs. 6 e 7).

É lamentável que este senhor anónimo me tenha obrigado a vir a público com um assunto tão fútil. Estes assuntos são para ser tratados entre os interessados e mais ninguém; mas, visto que o autor se serviu da imprensa, vejo-me obrigado a responder a uma pessoa que não sei quem é, pois nem sequer teve a coragem de assinar o artigo, talvez para não tomar as responsabilidades das asneiras que disse.

Além de estúpido e infantil, o artigo não corresponde inteiramente à verdade, pois todos sabem que sou gordo e não tenho altura por aí além. Trinca-Espinhas será o João, eu não! Não discordo nem concordo com a política racista inglesa, pois não a conheço suficientemente. Sei apenas que ela se encontra mais próxima da portuguesa do que a sul-africana, que é, realmente, aquela com que eu discordo. Às vezes, discuto isto e outros aspectos da África do Sul, pois conheci-os de perto, com alguns colegas, amigavelmente, e é então que a arraia miúda, da qual o autor deve fazer parte, se intromete, dizendo coisas absurdas, ouvidas de pessoas muito cultas ou que, pelo menos, se têm como tais, mas que, ao tocar nesta tecla, metem água, porque a não conhecem bem.

Quanto à cidade de Lourenço Marques, se, às vezes, exagero ao falar dela, é para a defender de certos pre-sumidos que a amesquinham perante Lisboa e outras cidades mais velhas e maiores, menosprezando tudo quanto é Moçambicano e africano em geral, não dando valor nenhum ao muito que meia dúzia de colonos, vencendo tantas dificuldades, conseguiu fazer numa terra, onde os

maiores obstáculos eram o clima, os pântanos, etc. Lourenço Marques tem virtudes e tem defeitos, mas não é onde esses presumidos os pretendem encontrar.

E não sabem esses patriotas que atirar pedras a Lourenço Marques é atirá-las a Portugal? Não sabem que Lourenço Marques é das cidades ultramarinas aquela de que hoje mais nos podemos orgulhar? Os estrangeiros são os primeiros a enaltecê-la, e os Portugueses da espécie do "Retratista" dizem mal de tudo quanto foi obra de Portugueses.

Deve ser um complexo de inferioridade, ou, então, julgam que a cidade à beira da baía do Espírito Santo foi obra de Ingleses ofertada a Portugueses, quando, afinal, nós é que a fizemos e melhorámos constantemente por emulação com os territórios vizinhos com os quais estamos tão em contacto.

Senhor Retratista, espero sirva isto de ponto final ao nosso assunto, pois a imprensa foi feita para fins mais sérios do que os retratos, retratinhos ou retratões dos seus colegas.

Creia na amizade da

SUPOSTA AGULHA

Nampula, 18 de Abril de 1955

C A R T A A B E R T A

indispor mais os ânimos exaltados. Queremos ver tudo isso espalhar-se como o fumo no ar, em dias de ventania.

E, assim, poderemos contar, na fileira dos nossos ardentes amigos, as simpáticas estudantes do Colégio de Nossa Senhora das Victórias, a bem da Associação Académica de Nampula.

Se tal não conseguirmos, paciência! Marcharemos sempre em frente, garbosos e convencidos de que fomos cavalheiros e bem educados.—Tudo para uma juventude melhor!—Nampula, 20/4/55 Políbio Flor

A semana

Diálogos da semana I--Um pouco surda, mas de boa compreensão...

Uma velha um pouco surda, de óculos na ponta do nariz, está sentada numa sala. Parece esperar alguém. Es se alguém chega. É o filho:

Filho--(entrando calmo) Bons-dias, mãe! (Beija-a)

Velha--Bons-dias, filho. (Beija-o) Então, o que tens feito?

Fi.--Fui ao relojoeiro.

Ve.--Ao sapateiro?! Mas tu não tinhas os sapatos esmagados!

Fi.--Pois decerto que não! Eu fui ao relojoeiro para me arranjar o anel.

Ve.--Papel?! Mas que tem o sapateiro a ver com papel?

Fi.--Mau! Eu...fui...pôr...a arranjar...o anel...na relojoaria!

Ve.--Na livraria!? Ah, já percebo! Tu foste comprar papel à livraria! Muito bem!

Fi.--Não, mãe, não percebeu!

Ve.--Quem te atendeu? Quem?

Fi.--Bom, não façamos confusão!...

Ve.--Ah...foi o patrão! E depois, e depois?

Fi.--Mau! Assim não nos entendemos! Eu vou explicar!

Ve.--Comprar? Ah, sim, comprar o papel! Isso já sei.

Fi.--(berra) Eu fui à relojoaria e não à papelaria!!

Ve.--Uma percaria?! E porque o compraste?

Fi.--(irritado) Bem! Bem! Mudemos de questão!

Ve.--Também lá estava o teu irmão?

Fi.--(alto) Outra vez! Mudemos de questão! Já disse!

Ve.--Sim, filho, sim! Já ouvi! O teu irmão o quê?

Fi.--(com calma) Minha mãe, pelo Deus do Céu, escute e dê atenção!

Ve.—Arre! Arre! Arre! Já ouvi! O teu irmão! Não sa-
berás dizer-me o que ele estava a fazer na livraria?

Fi.—(já suado, começa a inventar) Foi falar à em-
pregada.

Ve.—Ele! Beijar a criada! Mas ela está em casa?!
Ai Jesus! Ai Jesus!

Fi.—Nada disso, não se exalte!

Ve.—De aãsalto! Meu Deus!

Fi.—(atrapalhado) Não, nada!

Ve.—À mão armada! Ai que eu rebento!

Fi.—Mãe esteja descansada!...

Ve.—Ah, desarmada! Mas mesmo assim, ainda não per-
cebi bem! Dizes tu que...

Fi.—(querendo mudar o rumo da conversa) Mãe! O mun-
do é uma maravilha! Eu tudo faria!...

Ve.—(escutando) O quê...a minha filha...na livraria!

Fi.—(alto) Já me está a faltar a paciência!

Ve.—Ah, sim! Pura coincidência! Muito bem e depois

Fi.—(irritado) Depois...morreram as vacas e fica-
ram os bois! (canta) Lá, lá, ri...

Ve.—Como? Ah, bem! ficaram os dois! E o teu irmão?

Fi.—(já satisfeito) Foi passear...lá, lá, ri...

Ve.—Namorar?! Com a criada,não?

Fi.—Não, não! Ele foi...ele foi...berrar.

Ve.—Roubar?! Tu disseste roubar? Ai Jesus, Santa
Mãe de Deus! O meu filho...

Fi.—Está enganada... Qual?! Eu também estou engana-
da! Ele não berrou, cantou! Cantou, cantou bem!

Ve.—Que dizes! Não roubou, mas matou! Ai Jesus! Ai
Jesus!

Fi.—Mãe, escute! Ele ~~nem sequer~~ mexeu uma mão!

Ve.—Na prisão!Ele já está na prisão? Agora é que é!

Fi.—O melhor é calar-me.

Ve.—Matar-me?! Socorro! Socorro! Acudam! Querem ma-
tar-me!

Bráulio da Silva Flor

(5º Ano)

O H A R A - K I R I

Não há muitos dias, um jornal metropolitano publicou a notícia de que uma senhora bastante gorda e que queria ficar mais elegante praticou o "hara-kiri", operação usada pelos orientais. Pois, o "hara-kiri" da senhora foi completo: pegou na faca da cozinha, fez um razoável golpe na avantajada barriga e, com a tesoura, tratou de cortar os pedaços de gordura que a sua barriga continha. Quando o marido lhe perguntou para que fizera aquilo, disse que estava desgostosa com a vida e que se quisera suicidar. Mas no hospital, com as perdas médicos, acabou por confessar que fizera a "operação" para ficar mais elegante!

Antigamente, as senhoras gordas metiam-se, dos pés à cabeça, em espartilhos apertadíssimos, para se tornarem mais elegantes. Mais tarde, os farmacêuticos lançaram no mercado pastilhas, injeções, etc.; os médicos aconselharam dietas, exercícios, ginástica própria, em fim, o que pudesse ser aconselhável para afugentar ou evitar a gordura. Mas ainda a ninguém tinha lembrado abrir o corpo, pegar numa tesoura e desatar a cortar pedaços de gordura, isto é, a fazer "hara-kiri" tão completo e eficiente.

Aqui vai o meu conselho às senhoras gordas que quiserem emagrecer: façam "hara-kiri", que não pagam nada por isso; é de graça!

António Manuel Botto

(4º ANO)

COLABORAÇÃO.—Pede a Redacção a todos os colaboradores que apresentem os seus trabalhos, sempre, na segunda-feira imediatamente anterior ao sábado da publicação da revista.

Só assim, poderemos andar em dia, sem atropellos.

Pela nossa casa...

A Indisciplina dos Treinos

Apesar de todas as recomendações, de todos os pedidos, para que reine a ordem e a disciplina nos treinos da Académica, por vezes alguns elementos esquecem essas recomendações, esses pedidos, e levam o treino em constante brincadeira. É lamentável que a poucos dias do início do torneio do Sporting, não haja por parte dos nossos atletas a consciência do dever. Que figura fará a Académica se os seus jogadores não procurarem treinar-se assiduamente? Nós não entramos no torneio para ganhar. A nossa intenção é tão sómente apresentar um basquetebol de razoável recorte, que, embora não vá deslumbrar a assistência, lhe deixe pelo menos uma impressão agradável. Sem treinos, como conseguiremos isto?

Esperamos, pois, que todos se compenetrem do seu dever e procurem elevar bem alto o nome da Académica. Vamos trabalhar com consciência e honestidade, porque só assim conseguiremos fazer alguma coisa.

RUI QUARTIN COSTA

SÉRIE III — Nampula, 23 de Abril de 1955. — N.º. 7

~ ~ ~ ARREBOL ~ ~ ~

DIRECTOR: Arnaldo Freitas Leal

EDITOR: Fernando da Silva Gil

ADMINISTRADOR: Rui de Bivar Lopes

REDAÇÃO: Colégio-Liceu

VASCO DA GAMA

+-NAMPULA-+

ILUSTRAÇÕES: António da Silva Coelho